



*ARQUEOLOGIAS
E SEUS CONTEXTOS*



www.cta.ipt.pt

N. 12 // julho 2020 // Instituto Politécnico de Tomar

PROPRIETÁRIO

Instituto Politécnico de Tomar - Centro das Arqueologias

EDITORA

Ana Pinto da Cruz, Instituto Politécnico de Tomar

EDIÇÃO E SEDE DE REDACÇÃO

Centro das Arqueologias, Instituto Politécnico de Tomar

DIVULGAÇÃO

Em Linha

DIRECTORES-ADJUNTOS

Helena Moura, Rodrigo Banha da Silva, Vasco Gil Mantas, Thierry Aubry

CONSELHO CIENTÍFICO

Ana M. S. Bettencourt, Professora Auxiliar com Agregação, Departamento de História, Universidade do Minho

Professora Catedrática Doutora Primitiva Bueno Ramírez, Universidad de Alcalá de Henares

Professor Catedrático Doutor Rodrigo Balbín Behrmann, Universidad de Alcalá de Henares

Doutor Rossano Lopes Bastos, Arqueólogo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Superintendência Estadual em Santa Catarina/Brasil (IPHAN/SC)

Doutor e Livre Docente pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade De São Paulo, (MAE/USP)

Doutor Thomas W. Wyrwoll, Forschungsstelle für Archäoikonologische Theriologie und Allgemeine Felsbildkunde (FATAF) / Institut für Theriologie und Anthropologie

DESIGN GRÁFICO

Gabinete de Comunicação e Imagem, Instituto Politécnico de Tomar

PERIODICIDADE

Semestral

ISSN 2183- 1386

LATINDEX folio nº 23611

ANOTADA DA ERC | REGISTADA NA INPI

© Os textos são da inteira responsabilidade dos autores.

Índice

EDITORIAL	
Ana Cruz	05
O CONTRIBUTO DA SEMIÓTICA PARA O ESTUDO DA ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA – ALGUMAS NOTAS ACERCA DOS RITUAIS FUNERÁRIOS NO BRONZE REGIONAL ALENTEJANO	
Ana Rosa	15
ARQUEOLOGIA NO ENGENHO DO MURUTUCU: UM SÍTIO HISTÓRICO NA AMAZÔNIA BRASILEIRA	
Diogo Menezes Costa	30
LE SAVOIR LOCAL AMAZIGH: LA TRANSMISSION À L'ÉPREUVE	
Fatima Ez-zahra Benkhallouq, Wahiba Moubchir, Farid El Wahidi	59
INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO PORTO DO TOPO. CONTRIBUTO PARA O PATRIMÓNIO CULTURAL SUBAQUÁTICO DA ILHA DE SÃO JORGE	
João Gonçalves Araújo, João Moniz, José Luís Neto, Pedro Parreira	81
LA ESTACIÓN RUPESTRE DE HUAYLLANQORI, PROVINCIA DE ANTABAMBA (APURÍMAC, PERÚ)	
Raúl Carreño-Collatupa	118
GRAVURA RUPESTRE DO CORUTO (ESCARIZ, AROUCA): ESTUDO, SALVAGUARDA E VALORIZAÇÃO	
Paulo A. Pinho Lemos, Ana M. S. Bettencourt, João Ralha	139
A PAISAGEM DE LONGA DURAÇÃO DO ALTO VALE DO JEQUITINHONHA – OS VESTÍGIOS DE OCUPAÇÃO HUMANA DO HOLOCENO MÉDIO NA SERRA DO ESPINHAÇO MERIDIONAL, MINAS GERAIS – BRASIL	
Átila Perillo Filho	173
ASPECTOS DA COLONIZAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA DO LITORAL SUL DO BRASIL E SUA PATRIMONIALIZAÇÃO: OS VESTÍGIOS DA OFICINA LÍTICA NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA PONTA DO RETIRO, FLORIANÓPOLIS, SANTA CATARINA	
Márcio Mota Pereira	222
TESTEMUNHOS RECENTES DE TEÓNIMOS PRÉ-ROMANOS NA LUSITÂNIA	
José d'Encarnação	249

ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DO ESPÓLIO OSTEOLÓGICO PROVENIENTE DAS INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS REALIZADAS NO PÁTIO SUL DA IGREJA NOSSA SENHORA DO PÓPULO, CALDAS DA RAINHA (LEIRIA)

Daniel Alves, Augusto Ferreira, Cláudio Monteiro, Alexandra Figueiredo, Ricardo Lopes 274

CASA DO CORPO SANTO – 1531 A 1714. ARQUEOLOGIA, CONSERVAÇÃO E MUSEALIZAÇÃO

Luís Neto, Patrícia Trindade Coelho 298

UNIDADES DOMÉSTICAS DO SÉCULO XIX DO BAIRRO DA BOA VISTA DO RECIFE: UM ESTUDO DO PERFIL TÉCNICO E DAS CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICO-ARQUITETÔNICAS

Clara Diana Figueirôa Santos, Henry Sócrates Lavalle Sullasi 327

**ASPECTOS DA COLONIZAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA DO LITORAL SUL DO
BRASIL E SUA PATRIMONIALIZAÇÃO: OS VESTÍGIOS DA OFICINA
LÍTICA NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA PONTA DO RETIRO,
FLORIANÓPOLIS, SANTA CATARINA**

**ASPECTS OF PREHISTORIC COLONIZATION OF THE SOUTHERN COAST
OF BRAZIL AND ITS PATRIMONIALIZATION:
THE TRACE OF THE LITHIC WORKSHOP ON THE ARCHAEOLOGICAL
SITE OF PONTA DO RETIRO, FLORIANÓPOLIS, SANTA CATARINA**

Recebido a 21 de janeiro de 2020
Revisto a 15 de março de 2020
Aceite a 20 de abril de 2020

Márcio Mota Pereira

Doutor em História, Universidade Federal de Minas Gerais.
Departamento de Teoria e Gestão da Informação, Escola de Ciência da Informação.
Universidade Federal de Minas Gerais.
Av. Pres. Antônio Carlos, 6627, Pampulha,
Belo Horizonte - MG, 31270-901, Brasil
drmmota@yahoo.com.br

Resumo

Após o término do Holoceno, determinadas populações que habitavam determinada parcela do litoral Leste da América do Sul, parte que é do território brasileiro contemporâneo, estabeleceram-se em acampamentos de média duração temporal, quase sempre à beira-mar ou pouco dele distante, e que hoje são conhecidos popularmente como sambaquis. Os sambaquis são formados pelos dejetos produzidos por estas populações e que eram acumulados exatamente no local em que habitavam, fazendo surgir ao longo do tempo elevações onde era alicerçada uma sociedade pré-histórica vivente, sobretudo, a partir dos recursos encontrados nos ecossistemas litorâneos. O sítio arqueológico da Ponta do Retiro surge como um local com determinadas particularidades e que era utilizado por estas populações pré-históricas em suas atividades cotidianas, sobretudo aquelas relacionadas ao trabalho lítico. Esse artigo tem por objetivo apresentar esse sítio arqueológico em consonância com essas populações, chamadas de sambaquieiras, bem como apresentar os estudos que buscam a valorização do patrimônio arqueológico regional.

Palavras-Chave: Sambaquis, Santa Catarina, Ponta do Retiro, Patrimônio Arqueológico.

Abstract

After the end of the Holocene, certain populations that inhabited a certain portion of the East coast of South America, part of which is part of contemporary Brazilian territory, settled in medium-term camps, almost always at or near the seaside, and which today are popularly known as “sambaquis”. The sambaquis are formed by the waste produced

by these populations and which were accumulated exactly where they lived, giving rise over time to elevations where a living prehistoric society was founded, especially from the resources found in the coastal ecosystems. The archaeological site of Ponta do Retiro emerges as a place with certain particularities that was used by these prehistoric populations in their daily activities, especially those related to lithic work. This article aims to present this archaeological site in line with these populations, called sambaqueiras, as well as to present studies that seek the valorization of the regional archaeological heritage.

Keywords: Sambaquis, Santa Catarina, Ponta do Retiro, Archaeological Heritage.

1. Introdução e Colonização Pré-Histórica do litoral brasileiro

Muito incerta é a data exata em que se dá a ocupação do litoral brasileiro. Podemos confirmar essa afirmação confrontando-a com a tão discutida teoria Clóvis, que afirma que a entrada do homem no continente americano teria se dado há cerca de 12.000 anos antes do presente, em um momento em que a última glaciação findava, as calotas de gelo no extremo norte do continente diminuían e o nível do mar aumentava (Whitley & Dorn, 1993). Levy Figuti (1999), no entanto, afirma que esse processo teria ocorrido em um período anterior uma vez que, no litoral brasileiro, “os primeiros verdadeiros sítios de grupos humanos com economia baseada na extração de recursos marinhos datam de cerca de 20 mil anos”, como consequência “de fortes pressões ambientais e demográficas que teriam levado o homem, até então caçador de grandes

mamíferos, a diversificar sua economia e tornar agricultor, pastor e, enfim pescador e coletor de organismos marinhos” (Figuti, 1999, p. 198). Também pesquisas realizadas nas últimas décadas a partir da popularização de métodos de datação mais precisos, como o radiocarbono (C^{14}), proporcionaram novos olhares para uma discussão que pensava-se consolidada, sendo a descoberta de vestígios arqueológicos em Santa Luzia, na região central do estado de Minas Gerais, com até 11 mil anos (Neves & Piló, 2008), ou ainda na Serra da Capivara, com até 50 mil anos, têm proporcionado novas leituras acerca da própria ocupação do continente não por um conjunto populacional, mas por distintos grupos populacionais, assinalando um processo de grande complexidade que ainda se encontra em discussão teórica (Neves et al., 2007, Bueno & Dias, 2015, Bueno, 2019, Da-Gloria, 2019, Oliveira & Santos Júnior, 2019).

Este artigo têm por objetivo, a partir do cenário previamente apresentado, apresentar uma breve análise acerca do processo de colonização do sul brasileiro, com destaque para as populações pré-históricas que ocuparam a região litorânea da Ilha de Santa Catarina, no período compreendido entre seis mil e mil anos atrás (Gaspar, 1999, p. 159), e que se dedicavam às atividades de caça, coleta e pesca, quando, devido à abundância de alimentos encontrados nessa região, estes grupos se tornaram sedentários e passaram a se alimentar quase que exclusivamente da fauna marinha local estabelecendo-se em estruturas antrópicas, denominadas “sambaquis”. Por fim, também é intenção do presente estudo apresentar uma análise, enquanto estudo de caso, do sítio arqueológico da Ponta do Costão, situado na praia de Joaquina, Ilha de Santa Catarina e município de Florianópolis, onde podem ser encontrados vestígios de uma complexa oficina líticas.

2. Origens dos Sambaquis

As populações pré-históricas viventes em sambaquis – também denominadas sambaqueiras, dependiam e faziam uso quase que exclusivamente dos recursos naturais que eram encontrados nas regiões litorâneas. Particularidade restrita a esse grupo que se estabeleceu em toda a região Centro-Sul brasileira, desde o sul do Estado da Bahia até o Rio Grande do Sul – conquanto seja no estado de Santa Catarina que os sambaquis sejam mais numerosos, foi o uso que fizeram dos detritos e resquícios alimentares que consumiam, sobretudo conchas (bivalves, vieiras, etc...) marinhas e, em menor proporção, ossos e fragmentos líticos, os quais eram descartados exatamente no mesmo lugar em que habitavam fazendo surgir, com o passar dos anos, uma elevação do terreno, onde constantemente reedificavam seus abrigos.

Estes aglomerados de resíduos são conhecidos no Brasil por diversos nomes, como minas, concheiros ou, ainda, por sua denominação mais comum e conhecida; sambaquis, palavra que possui origem na língua indígena dos gentios Tupis e significa “amontoado de marisco” (*tamba* = marisco e *ki* = amontoamento) (Prous, 1992, p. 204). No âmbito dos estudos pré-históricos, contudo, o termo sambaqui é utilizado somente para designar os sítios de depósitos homogêneos, nos quais as conchas estão bastante repartidas em superfície e profundidade, formando a quase totalidade da massa sedimentar (Prous, 1992, p. 204), e que apresentem “uma sucessão estratigráfica de composição diferenciada: camadas de conchas mais ou menos espessas intercaladas por numerosos estratos finos e escuros, ricos em materiais orgânicos, com muitas estruturas

distribuídas em áreas específicas” (Deblasis, 2007, p. 30), podendo alcançar até 70 metros de altura e 500 metros de comprimento.

Quanto à sua distribuição no território brasileiro, os sambaquis estão dispostos quase sempre no litoral, mas também em reentrâncias de água salgada, como baías ou, ainda, na foz de pequenos cursos fluviais, próximos a mangues e recifes ou mesmo afastados do mar por distâncias consideráveis, não raro alcançado cinco ou dez quilômetros terra adentro. A propósito, Tânia Lima (2004, p. 45) considera que “as baías, os estuários e as lagunas apresentam, em geral, grandes concentrações desses sítios arqueológicos e a implantação dos sambaquis nesses ambientes não teria se dado por acaso uma vez que se trata de um dos ambientes de maior produtividade biótica da costa”. Além disso, o estabelecimento dessas populações nesses locais se fazia em função da disponibilidade de acesso à fontes de água doce, nas proximidades dos sambaquis.

Lina Kneip (1985, p. 79) define o sambaqui como sendo um “local de acampamento temporário de comunidades caçadoras, pescadoras e coletoras geralmente litorâneas, de forma e dimensão variável, contendo, de acordo com o grau de adaptação ou especialização, quantidades variáveis da fauna de invertebrados e vertebrados, além de vestígios vegetais e as mais numerosas evidências da atuação humana: artefatos de pedra, osso e concha, cerâmica, sepultamentos, resíduos de carvão, cinzas de fogueiras, matéria corante, entre outros”.

Ou seja, são estruturas compostas principalmente por detritos oriundos da cadeia alimentar das populações pré-históricas que o habitavam, pelo que para Lina Kneip e Luciana Pallestrini (1985, p. 99) essas áreas também podem ser denominadas

“estruturas alimentares”, por se caracterizarem como “áreas de acúmulo de intensidades diversas de restos alimentares animais (invertebrados e vertebrados) e vegetais, associados ao testemunho arqueológico de natureza variada (artefatos, matéria corante, fragmentos de carvão, etc.), formando áreas diferenciadas de concentração no solo arqueológico”. Segundo Kneip (1985, p. 99), não é raro encontrar “estruturas alimentares, mas também estruturas funerárias e de combustão”, o que corrobora a pluralidade de ações desenvolvidas no âmbito dos sambaquis pelas populações que neles habitavam.

O estabelecimento em definitivo dessas populações em dado território partia não apenas de sua sedentarização face à disponibilidade de recursos naturais, sobretudo alimentares, mas também por meio estabelecimento de estruturas habitacionais, na forma de pequenos abrigos que eram erigidos na parte mais elevada dos sambaqui.

Erigidos com galhos, e gravetos e cobertas com folhas, esse abrigos eram responsáveis por acolher as unidades familiares e serviam, ainda, para a realização de outras atividades cotidianas, como o preparo e a própria alimentação, mas também parte da manufatura de instrumentos líticos e o próprio descarte de seus detritos ou, ainda, sepultamentos, que serão brevemente analisados mais à frente. Face a essas estruturas habitacionais terem sido construídas com recursos que apresentam uma rápida deterioração, deles não sobraram muitos vestígios a não ser “buracos de estacas que acreditamos tratar-se de antigas cabanas e ainda adiciona-se a essa evidencia o achado de uma concentração de restos de folhas de palmeiras queimadas que pode ser relacionada à cobertura das habitações” (Tenório, 1999, p. 241).



Figura 1. Mapa da disposição dos sambaquis no litoral centro-sul brasileiro (pontilhados), com destaque para sua concentração na região sul. Fonte: Prof. Paulo De Blasis, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Adaptado de MAM. *Da pedra Da terra Daqui*. Catálogo da Exposição. São Paulo: Museu de Arte Moderna, 2015, p. 33.



Figura 2. Fotografia do sambaqui Cubatão I, localizado na Foz do Rio Cubatão, em Palhoça, Santa Catarina. O sítio arqueológico em questão vem sendo afetado pela ação das marés, causando sua erosão. Fonte: Fotografia do acervo do Museu do Homem do Sambaqui, de Joinville.



Figura 3. Fotografia aérea do sambaqui Cubatão I, em Palhoça, Santa Catarina. Fonte: Fotografia do acervo do Museu do Homem do Sambaqui, de Joinville.

3. Estruturas alimentares, líticas e funerárias

Quanto à alimentação, o entorno do sambaqui era, como já foi dito, de grande importância para as populações viventes naquele ambiente, uma vez que era em suas regiões adjacentes (mar, corais, mangues, restingas, rios e florestas litorâneas) que a dieta alimentar era adquirida. Por meio das pesquisas arqueológicas realizadas nestes

locais é possível encontrar grande diversidade de restos alimentares, como ossos de peixes das mais variadas espécies; de répteis, como a tartaruga marinha, que “poderia ser facilmente capturada na praia por ocasião da desova” (Vogel, 1985, p. 239); de diferentes espécies de aves, assim como de mamíferos da terra ou do mar, como golfinhos e baleias, inclusive. Figuti ressalta, no entanto, que “a presença de restos de mamíferos marinhos de grande porte, como as baleias, pode ser fruto de acidentes em que estas encalham nas praias” (Figuti, 1999, p. 202), tendo elas sido consumidas meramente por conveniência.

Outras características que assinala a estrutura cultural e material desses grupos sociais é a existência de uma cultura lítica era bastante desenvolvida, podendo-se encontrar machados e pontas de flechas em grande número e em diferentes formatos, geralmente lascados, com exceção dos machados que usualmente são polidos. A presença de tais instrumentos e das lascas resultantes de sua confecção, além de corroborar as atividades de caça e pesca, sugere que não raras fossem as disputas pela posse e controle do sambaqui ou mesmo de um trecho do litoral. Nesse interim destaca-se também a importância do sambaqui enquanto lugar estratégico, uma vez que “suas armas consistiam em instrumentos que eram lançados e que, desta forma, a melhor defesa seria estar sempre acima do inimigo” (Tenório, 1999, p. 243).

Ainda na seara do trabalho lítico, igualmente importantes são as representações zoomorfas esculpidas e/ou polidas em pequenos seixos e, por ventura, também em ossos, que poderiam apenas representar as visões coloquiais de tal sociedade ou, ainda, ter uma significância simbólica, talvez mitológica, pelo que não é raro encontrar

representações de peixes, aves e animais terrestres que, sem dúvida, despendiam considerável empenho e no seu feitio.

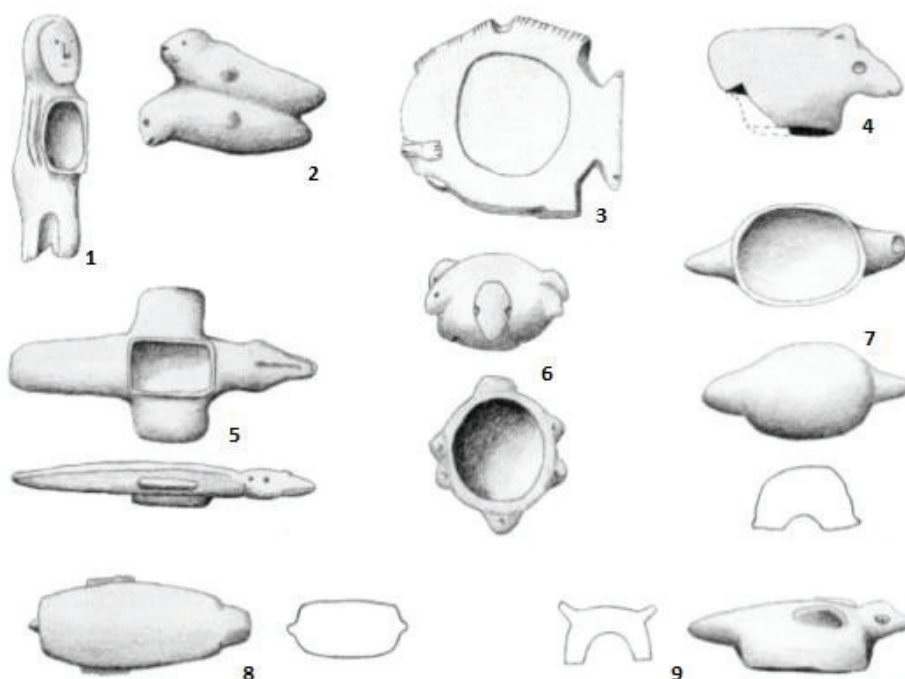


Figura 4. 1 – antropomorfo de Pântano do Sul, SC (Museu Nacional); 2 – passados em cópula (Coleção Tiburtius, Museu de Joinville); 3 – platiforme ‘A’ linguado nº 26, Cabo de Santa Marta, SC (Coleção C. Remor); 4 – anta, Rio Vermelho, SC (Coleção Large Morretes) (sobre pedestal); 5 – cruciforme ‘C’, Cubatãozinho, SC (Coleção Tiburtius); 6 – ninhada de passados, Rio Vermelho, SC (Coleção Large Morretes); 7 – nucleiforme ‘B’ (Ilha de Santa Ana, SC – Museu Nacional); 8 – nucliforme ‘A’, Torres, RS (Hamburgisches Museum fur Volkorkunde); 9 – nucleiforme ‘C’ (Torres, RS – Coleção M. Oderich). Fonte: Prous (1992). *Arqueologia Brasileira*.

Os sepultamentos podem ser encontrados com facilidade em sambaquis alvos de prospecções e de estudos arqueológicos mais aprofundados, o que mostra que jamais existiam sítios totalmente especializados ora como cemitérios, ora como locais destinados apenas à habitação, conforme assinalou André Prous (1992, p. 216).

Estatisticamente, no entanto, a quantidade de sepultamentos no sambaqui e em seu entorno são informações importantes para determinar a sua importância e o recorte temporal em que este foi habitado.

Outra possibilidade de estudo que se revela no âmbito dos sepultamentos realizados em sambaquis ou em suas proximidades diz respeito aos objetos líticos, como machados de pedra, pontas de fecha e esculturas antropomórficas ou zoomorfas, bem como de fragmentos de cestarias, colares e adornos compostos por ossos, conchas e dentes e, em um período mais recente, de objetos funcionais confeccionados em argila ou cerâmica, também na qualidade de acompanhamentos funerários que, segundo Verônica Wesolosky (1999, p. 193), é “tudo aquilo que parece ter sido colocado intencionalmente na sepultura junto do corpo”.

Também a qualidade e a quantidade dos acompanhamentos funerários traz à luz a possibilidade do estudo acerca das relações sociais estabelecidas no seio dessas populações, sobretudo da existência de uma complexa hierarquização social, uma vez que “as características de deposição dos esqueletos, acompanhamentos funerários e estruturas habitacionais associadas igualmente refletem diferenças de *status* existentes nas sociedades pré-históricas” (Kneip, 1999, p. 231).



Figura 5. Sepultamento sambaquiense em exposição no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná, em Paranaguá. Fonte: Fotografia do acervo do MAE UFPR.

Quanto à cerâmica encontrada nos sambaquis da região Sul do Brasil, esta é majoritariamente pertencente a um período de transição entre a caça-coleta e a horticultura, ou seja, mais recente do que as primeiros sítios sambaquienses, e inserida na denominada “tradição cerâmica Tupiguarani, assim chamada pelo fato das informações etno-históricas estabelecerem correlações entre evidências arqueológicas e os falantes de uma variante do tronco lingüístico Tupi-Guarani do litoral na época do Descobrimento” (Crancio, 1985, p. 165).

4. O sítio arqueológico lítico da Ponta do Retiro, Florianópolis

No âmbito da presente análise destacamos a necessidade de lançar as primeiras luzes sobre um sítio arqueológico pré-histórico ainda não analisado pela literatura que estuda as primeiras povoações na Ilha de Florianópolis e as sociedades sambaquieiras; o sítio lítico da Ponta do Retiro (Coordenadas geográficas: -27.629695, -48.447197).

A Ponta do Retiro constitui-se como um maciço rochoso que está localizado no extremo leste da praia da Joaquina, e que se estende até a Ponta do Gravatá, mais ao norte, atuando como acidente geográfico divisor entre a praia de Joaquina e praia Mole. Neste local, de topografia acentuada, os resquícios de populações pré-históricas podem ser facilmente constatados, com destaque para os amoladores-polidores fixos, descritos como marcas resultantes da ação de confecção de objetos de corte e polidos (Laming-Emperaire, 1967, p. 86, Gaspar & Tenório, 1990, p. 181), e que se diferenciam dos amoladores-polidores portáteis por terem sido estabelecidos em suportes não transportáveis, como grandes blocos rochosos. Segundo Maria Cristina Tenório (2003, p. 90), esses resquícios arqueológicos também foram identificados por outras denominações, como “pedras de polir” (Tiburtius, 1953 *apud* Amaral, 1995); “moinhos de bugre” (Rohr, 1959 *Apud* Amaral, 1995); “amoladores-polidores fixos” (Gaspar & Tenório, 1990); “estações líticas” (Beck, 1992 *Apud* Amaral, 1995); “oficinas líticas” (Amaral, 1995) e “amoladores-polidores líticos fixos” (Kneip & Oliveira, 2001).

Dentre os principais amoladores-polidores fixos na Ponta do Retiro destacam-se os “pratos”¹ ou “bacias de polimento”², descritos como depressões em formas de cuias que serviam para polir o gume de machados líticos, e os “amoladores de machado”³. As bacias de polimento, ou pratos, constituem-se como depressões alisadas, de forma redonda ou levemente arredondada, com uma depressão não desbastada ao centro. Segundo Ribeiro (1999, p. 144), “as depressões alisadas seriam locais para polimento de instrumentos, especialmente laminas de machado, pelo que nos “pratos” seriam polidos os corpos das laminas. Segundo Tenório (1999, p. 235), “(...) a forma de cuia resulta da atividade de polimento das lamina de machados, onde o gesto de polir retira das peças quaisquer saliências que dificultem o deslizamento do objeto no material a ser cortado. Para o preparo dos polidores, inicialmente a rocha suporte era picoteada para formar a reentrância, depois colocava-se areia e água doce e esfregava-se o seixo até ficar polido.”

¹ O termo “pratos” é utilizado por Pedro Augusto Mentz Ribeiro para se referir aos polidores de machados que são encontrados nos rios da Amazônia, e que se assemelham aos da Ponta do Retiro. In Ribeiro, P.A.M. Caçadores - Coletores de Roraima. In Tenório, M. C. (Org.) (1999). *Pré-História da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p. 135-145.

² O termo “bacias de polimento” é utilizado por Prous para se referir aos mesmos polidores identificados por Ribeiro. In Prous, A. (1992). *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora UNB, p. 63.

³ Havendo a existência de dois termos distintos, mas com um mesmo significado, empregaremos o termo utilizado por Ribeiro em detrimento do utilizado por Prous, uma vez que o termo “pratos” é de mais fácil compreensão.



Figura 6. “Prato”, ou “bacia de polimento”, utilizada para polimento de instrumentos líticos. Sítio arqueológico da Ponta do Retiro, Florianópolis. O objeto utilizado como escala possui 13,5 centímetros de comprimento. Fonte: Fotografia do autor.



Figura 7. “Prato”, ou “bacia de polimento”, utilizada para polimento de instrumentos líticos. Sítio arqueológico da Ponta do Retiro, Florianópolis. O objeto utilizado como escala possui 13,5 centímetros de comprimento. Fonte: Fotografia do autor.

Já os amoladores de machado constituem-se como reentrâncias longitudinais, alongadas, sulcadas na rocha, de modo a constituir uma espécie de fenda, na qual a

lamina do machado poderia ser desbastada, fazendo com que estivesse amolada após este processo.



Figura 8. Amolador de machado, utilizado para proporcionar o fio, ou amolar instrumentos líticos. Sítio arqueológico da Ponta do Retiro, Florianópolis. O objeto utilizado como escala possui 13,5 centímetros de comprimento. Fonte: Fotografia do autor.



Figura 9. Amolador de machado, utilizado para proporcionar o fio, ou amolar instrumentos líticos. Sítio arqueológico da Ponta do Retiro, Florianópolis. O objeto utilizado como escala possui 13,5 centímetros de comprimento. Fonte: Fotografia do autor.

Tenório (1999, p. 237) afirma que blocos rochosos apresentando sulcos semelhantes aos amoladores-polidores fixos também em outras partes do mundo, como

na Austrália (*Apud* Smith, 1985), na Tanzânia (*Apud* O’Connell et al., 1991) e na Guiana Francesa (*Apud* Rostain & Wack, 1987)”. No Brasil, a autora destaca a presença desses testemunhos tanto no Sul quanto em outras regiões do país, como no litoral de São Paulo ou ainda no território indígena da etnia Ianomâmi, em Roraima, próximo à fronteira com a Venezuela (Tenório, 2003, p. 91), conquanto afirme que as duas maiores concentrações de amoladores-polidores fixos estão localizados na Ilha de Santa Catarina, onde se situa a Ponta do Retiro, e na região da Ilha Grande, estado do Rio de Janeiro, para além de que 25% do total do sítios registrados na Ilha de Santa Catarina e ilhas adjacentes são possuidores de amoladores-polidores fixos (Fossari et al., 1987, 1988, 1989).

Essa dispersão de amoladores-polidores fixos, entretanto, revela-se irregular uma vez que a presença destes testemunhos é baixíssima se comparada ao total de sítios arqueológicos registrados no litoral brasileiro, pelo que conclui a pesquisadora que “os amoladores-polidores fixos não constituem traço cultural capaz de identificar grupos socioculturais, eles seriam instrumentos passivos resultantes na maior parte das vezes, da elaboração de lâminas de machado” (Tenório, 2003, p. 91).

5. Estudos, musealização e reconhecimento patrimonial dos sambaquis em Santa Catarina

A arqueologia e o estudo da pré-história no estado de Santa Catarina emergem ainda na década de 1940 e se intensificam nas décadas de 1950 e 1960, a partir dos estudos realizados pelo padre João Alfredo Rohr (1908-1984), jesuíta considerado o “Pai da Arqueologia Catarinense” (Comerlato, 2015, p. 10), que realizou várias pesquisas em sambaquis e em outros sítios arqueológicos litorâneos e no interior do

estado, tendo sido responsável também pela catalogação dos mesmos (Rohr, 1960, 1961, 1962, 1966, 1968, 1969)⁴.

Segundo Tenório (2003), ainda na década de 1960 foram realizados os primeiros estudos práticos em sítios arqueológicos da região (Piazza, 1966, Beck, 1968, Hurt, 1974, 1984, Bryan, 1961, 1977, 1993), muitos dos quais destacando a interação entre os mesmos e o ambiente em que se encontram (Piazza, 1966, Beck, 1968, Hurt, 1974, 1984, Bryan, 1961, 1977, 1993).

Apesar de toda a importância do patrimônio arqueológico de Santa Catarina, os sítios arqueológicos litorâneos sofrem constantemente com processos naturais, como a ação dos ventos e da maré, e também por processos antrópicos, como a especulação imobiliária e a construção de ruas, avenidas e estradas, que assolam sua formação e fazem com que a cada dia suas características e contextos arqueológicos se percam (Uol, 2019).

Além da expansão imobiliária, a exploração mineral de cal se revela como o processo artificial mais comprometedor dos sambaquis, sendo que muitos sítios arqueológicos já foram destruídos por estas atividades enquanto outros foram parcialmente destruídos, ao passo que são poucos os que mantêm a mesma configuração desde o seu abandono pelos seus últimos habitantes pré-históricos, proporcionando as melhores condições de estudo e de compreensão dos processos históricos a que pertencem.

⁴ Sobre a realização de pesquisas arqueológicas pelo padre João Alfredo Rohr em Santa Catarina, vd. Comerlato, F. (2015). O legado do pe. João Alfredo Rohr S. J. Reflexões sobre sua trajetória na arqueologia brasileira. In *Revista Arqueologia Pública*, 8 [10], p. 9-24. Uma síntese histórica das pesquisas realizadas pelo padre João Alfredo Rohr pode ser encontrada no artigo de Pedro Inácio Schmitz, “João Alfredo Rohr: um jesuíta em tempos de transição”. In *Pesquisas – Antropologia*, nº 67. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2009.

Também os poderes públicos, que deveriam zelar pelo patrimônio histórico e cultural, vêm sendo responsáveis pela destruição do mesmo seja por sua omissão, seja por sua atuação a exemplo de determinado sambaqui, denominado Mato Alto I, que se encontrava na bairro homônimo, na cidade de Araranguá, e que foi estudado na década de 1960 pelo Museu de Arqueologia Etnologia da Universidade de São Paulo e posteriormente, em 1991, destruído pela Prefeitura da Municipal, que utilizou parte do material em obras na cidade (Farias & Kneip, 2010, p. 267).

Ao longo das últimas décadas várias políticas de iniciativa privada e pública vêm sendo desenvolvidas com o objetivo de lançar luzes ao patrimônio pré-histórico litorâneo no estado de Santa Catarina. Dentre eles podemos destacar a criação de duas instituições museológicas; o Museu do Homem do Sambaqui “Padre João Alfredo Rohr”, em Florianópolis, e o Museu Arqueológico de Sambaqui, de Joinville.

O Museu do Homem do Sambaqui Padre João Alfredo Rohr constitui-se como um museu privado, pertencente ao Colégio Catarinense, instituição e ensino secular de Florianópolis, e surgiu ainda na década de 1960, tendo sido inaugurado no ano de 1963, com o nome de Museu do Homem Americano, renomeado em 1965, para Museu do Homem do Sambaqui e reinaugurado posteriormente com a atual denominação, e teve origem a partir da aquisição da coleção arqueológica do comerciante Carlos Behrenheuser (1875-1951), catarinense filho de imigrantes alemães, e que foi devidamente adquirida pelo padre João Alfredo Rohr (1908-1984), que salvaguardou ainda a história da origem do acervo colecionado por Behrenheuser que, segundo consta, trocava cortes e retalhos de tecidos por peças da arqueologia local, encontradas por moradores em diversos lugares da ilha (Schmitz, 2009, p. 13).

Desde sua fundação, o Museu do Homem do Sambaqui Padre João Alfredo Rohr potencializou e diversificou suas coleções mantendo, hoje, uma coleção arqueológica, que fundamenta a instituição; uma coleção etnográfica, com a presença de acervos indígenas de etnias das regiões Sul e Sudeste do Brasil, bem como outras coleções igualmente importantes, como a taxidérmica, paleontológica, conquiológica, mineralógica, numismática e um acervo de vestimentas e outros objetos religiosos.

Em sua coleção arqueológica a instituição dispõe de quase 10 mil artefatos oriundos dos sambaquis de Santa Catarina, inclusive zoólitos e outros objetos líticos, para além de mais de 80 mil fragmentos de cerâmicas indígenas, com várias peças completas, muitas das quais oriundas das pesquisas arqueológicas realizadas pelo padre João Alfredo Rohr desde a década de 1940.

A instituição cumpre seu papel social atendendo a um público diverso, sobretudo visitantes – turistas – mas, também, escolares e acadêmicos, da educação básica e do ensino superior e pós-graduado, proporcionando a difusão do conhecimento arqueológico e, sobretudo, sobre os sambaquis ao público infanto-juvenil e maximizando as oportunidades de pesquisas acadêmicas no acervo da instituição.

O Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, por sua vez, foi constituído a partir do acervo coligido pelo alemão e arqueólogo autodidata Guilherme Tiburtius (1892-1985), berlinense radicado no Brasil desde a década de 1910, e adquirido pela prefeitura do município de Joinville, a partir de recomendações, no ano de 1963, da Comissão Diretora do Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville, tendo sido oficialmente inaugurado no ano de 1969 e posteriormente reinaugurado em sua nova edificação, atual sede definitiva, no ano de 1972⁵.

À margem do ambiente acadêmico, Guilherme Tiburtius pesquisou e reuniu um considerável acervo a partir de suas pesquisas em Santa Catarina e no Paraná, tendo sido bastante estigmatizado por não possuir uma formação específica e estigmatizado, inclusive, tendo sido acusado de “destruir sítios arqueológicos e obrigado a abandonar suas atividades” (Prous, 1992).

Enquanto instituição de pesquisa, o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville se destaca pela abertura de programas de pesquisas direcionados à produção do conhecimento científico em diversas áreas, como arqueologia, Educação, Geografia, Museologia e áreas afins, com o objetivo de contribuir para a salvaguarda e o melhor conhecimento do patrimônio arqueológico regional.

Além do acervo museológico e das pesquisas científicas desenvolvidas no âmbito da instituição, o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville desenvolve exposições múltiplas (artes, fotografias, etc.), e possui ainda uma biblioteca especializada, destinada ao estudo de áreas comuns à Arqueologia, como a Antropologia, História e Educação, com um acervo de cerca de 10 mil obras.

Mais recentemente, diversas pesquisas (Guimarães, 2016, 2018) vêm enfatizando as possibilidades de aproveitamento do patrimônio arqueológico catarinense com vistas ao desenvolvimento do turismo na região, tendo por modelo aqueles que são

⁵ Para uma melhor compreensão da importância do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, ver a Dissertação de Mestrado de Ferreira da Silva, P. G. (2017). A compra da coleção Guilherme Tiburtius por Joinville: uma coleção arqueológica na cidade ‘germânica’. Joinville: UNIVILLE, (Dissertação de Mestrado, Universidade da Região de Joinville). desenvolvidos em locais com potencialidades análogas e já efetivadas, como Machu Picchu, no Peru, ou São Raimundo Nonato, no estado do Piauí, região Nordeste do Brasil.

Esses estudos consideram a importância do desenvolvimento do turismo arqueológico em Santa Catarina, em comum acordo com propostas que busquem a valorização dessa qualidade de patrimônio histórico e cultural e o desenvolvimento econômico regional, valorizando ainda os sambaquis e conferindo uma maior visibilidade a estes sítios arqueológicos.

Nesse ínterim, destacamos a necessidade da manutenção e dilatação de programas e ações que busquem a devida valorização dos sambaquis e dos demais patrimônios arqueológicos regionais, como aqueles que podem ser realizados no âmbito das instituições escolares e que já são realizados pelas instituições museológicas supracitada, ressaltando ao público infanto-juvenil a importância dos sambaquis para a compreensão da pré-história local, a construção de uma pertença sociocultural que aproxime os moradores e os respectivos sítios arqueológicos e o sentimento de valorização do mesmo, em consonância com as propostas de dinamização econômica, para que o segmento turístico que se busca alcançar não se torne um agente explorador do patrimônio arqueológico, mas um instrumento de sensibilização histórica para sua valorização.

Referencias

- Bueno, L. (2019). Arqueologia do povoamento inicial da América ou História Antiga da América: quão antigo pode ser um ‘Novo Mundo’? *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Belém: Ciências Humanas, vol. 14, n°. 2, 477-495, maio-ago.
- Bueno, L. & Dias, A. (2015). Povoamento inicial da América do Sul: contribuições do contexto brasileiro. In *Estudos Avançados*. vol. 29, n°. 83, 119-147.

- Comerlato, F. (2015). O legado do pe. João Alfredo Rohr S. J.: reflexões sobre sua trajetória na arqueologia brasileira. In *Revista Arqueologia Pública*. vol. 8, nº 10, 9-24.
- Crancio, F. (1985). Ocorrência de Cerâmica na Camada Superior do Sambaqui Zé Espinho. In Kneip, L. M. (Org.) *Coletores e Pescadores Pré-Históricos de Guaratiba, Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ/Niterói: UFF, 257,165-184.
- Da-Gloria, P. (2019). Ocupação inicial das Américas sob uma perspectiva bioarqueológica. In *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Belém: Ciências Humanas. vol. 14, nº 2, 429-458.
- Deblasis, P. (2007). Sambaquis e paisagem: dinâmica natural e arqueologia regional no litoral do sul do Brasil. In *Arqueología Suramericana*. vol. 3, nº 1, 29-61.
- Farias, D. & Kneip, A. (2010). *Panorama arqueológico de Santa Catarina*. Palhoça: Unisul.
- Farias, D. S. (2000). A Educação Patrimonial e os sambaquis de Jaguaruna, Santa Catarina, Brasil. In *Ética e Educação Brasil outros 500. Anais do Congresso Internacional de Educação do Colégio Coração de Jesus*. Florianópolis, vol. 1, 124-126.
- Farias, D. S. (2005). Criando interfaces entre Educação Patrimonial e Arqueologia: as atividades desenvolvidas no projeto arqueológico do Camacho - 1999-2003. In *Anais do 11º Congresso Nacional de Arqueología*. Salta: Universidad Nacional de Salta.
- Figuti, L. (1999). Economia/Alimentação na Pré-história do Litoral de São Paulo. In Tenório, M. C. (Org.) *Pré-História da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 197-203.

- Gaspar, M. D. & Tenório, M. C. (1992). Amoladores polidores fixos do litoral brasileiro. In *Revista do centro de Estudos de Pesquisa Arqueológica*. Santa Cruz do Sul. vol. 17, nº. 20, 181-190.
- Gaspar, M. D. (1999). Os Ocupantes Pré-Históricos do Litoral Brasileiro. In Tenório, M. C. (Org.) *Pré-História da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 160-169.
- Guimarães, G. M. (2018). *Preservação de Sambaquis: Turismo como Vetor em Tubarão-SC. Brasil*. Rosa dos Ventos, vol. 10, nº. 1.
- Guimarães, G. M. (2016). Turismo arqueológico, educação e os sambaquis do complexo lagunar sul de Santa Catarina: proposta de um circuito para visitação. In *Revista Memorare*. Tubarão. vol. 3, nº. 3, set./dez.
- Kneip, L. M. (1985). Histórico das pesquisas arqueológicas em Guaratiba. In Kneip, Lina M. (Org.) *Coletores e Pescadores Pré-Históricos de Guaratiba, Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ/Niterói: UFF, 73-88.
- Kneip, L. M. (1999). Pré-História de Saquarema. In Tenório, M. C. (Org.) *Pré-História da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 223-232.
- Kneip, L. M. & Pallestrini, L. (1985). Arqueologia: estratigrafia, cronologia e estruturas do sambaqui Zé Espinho. In Kneip, L. M. (Org.) *Coletores e Pescadores Pré-Históricos de Guaratiba, Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ/Niterói: UFF, 89-141.
- Laming-Emperaire, A. (1962). *Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul*. Manuais de Arqueologia 2. Curitiba: Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, Universidade Federal do Paraná.

- Lima, T. A. (2004). Nos mares do Sul: A pré-história do litoral Centro-Meridional brasileiro. In *Antes: história da pré-história do Brasil*. Catálogo da exposição. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil/Ed. Gráficas Burti.
- Mam, (2015). *Da pedra Da terra Daqui*. Catálogo da Exposição. São Paulo: Museu de Arte Moderna.
- Martin, G. (2008). *Pré-história do Nordeste do Brasil*. Recife: Ed. UFPE.
- Neves, W. A., Bernardo, D. V. & Okumura, M. M. (2007). A origem do homem americano vista a partir da América do Sul: uma ou duas migrações? In *Revista de Antropologia*. vol. 50, nº. 1.
- Oliveira, D. L. de & Santos Júnior, V. dos (2019). Datações de gravuras rupestres no brasil: Pesquisa e Métodos Arqueológicos. In *Clio Arqueológica*. vol. 34, nº. 1, 66-92.
- Prous, A. (1992). *Arqueologia brasileira*. Brasília: Editora da UNB.
- Ribeiro, P. A. M. (1999). Caçadores Coletores de Roraima. In Tenório, M. C. (Org.) *Pré-História da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 135-145.
- Schmitz, P. I. (2009). João Alfredo Rohr: um jesuíta em tempos de transição. In *Pesquisas – Antropologia*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, nº 67.
- Silva, P. G. F. da (2017). *A compra da coleção Guilherme Tiburtius por Joinville: uma coleção arqueológica na cidade germânica*. Joinville: UNIVILLE (Dissertação de Mestrado, Universidade da Região de Joinville).
- Tenório, M. C. (Org.) (1999). *Pré-História da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 135-145.
- Tenório, M. C. (1999). Os Fabricantes de Machado da Ilha Grande. In Tenório, M. C. (Org.) *Pré-História da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 233-246.

Uol, (s.d.). *Sítio arqueológico com peças de 6 mil anos está ameaçado por casas em SC.*

Obtido na <https://www.uol.com.br/tilt/ultimas-noticias/redacao/2016/05/21/sitio-arqueologico-com-pecas-de-6-mil-anos-esta-ameacado-por-casas-em-sc.htm?empid=copiaecola> [Consultado a 05 de julho de 2019].

Vogel, M. A. C. (1985). Restos de Vertebrados do Sambaqui Zé Espinho. In Kneip, L. M. (Org.) *Coletores e Pescadores Pré-Históricos de Guaratiba, Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ/Niterói: UFF, 229-244.

Wesolosky, V. (1999). Práticas Funerárias Pré-Históricas do Litoral de São Paulo. In Tenório, Maria C. (Org.) *Pré-História da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 189-195.

Whitley, D. & Dorn, R. (1993). New Perspectives on the Clovis vs. Pre-Clovis Controversy. In *American Antiquity*. vol. 58, nº 4, Oct., 626-647.

